



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOSIANE DE JESUS PINHEIRO CRISTO

LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO ENVOLVENDO A
BAIXA VISÃO

Breu Branco- PA

2022

JOSIANE DE JESUS PINHEIRO CRISTO

**LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO ENVOLVENDO A
BAIXA VISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para obtenção do título de pedagoga com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientador: Prof^o Dr. Walber Christiano Lima da Costa.

Breu Branco - PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

C933I Cristo, Josiane de Jesus Pinheiro
 Ludicidade na educação inclusiva: um estudo envolvendo a baixa
 visão / Josiane de Jesus Pinheiro Cristo. — 2022.
 55 f. : il.

Orientador (a): Walber Christiano Lima da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Breu Branco, 2022.

1. Inclusão escolar. 2. Baixa visão. 3. Ensino - Meios auxiliares. 4. Ambiente de sala de aula - Adaptação. I. Costa, Walber Christiano Lima da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed. : 371.9046

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

JOSIANE DE JESUS PINHEIRO CRISTO

**LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO ENVOLVENDO A
BAIXA VISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para obtenção do título de pedagoga com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientador: Prof. Dr. Walber Christiano Lima da Costa.

Data da Defesa: 19/12/2022

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Walber Christiano Lima da Costa (Orientador) – UNIFESSPA

Prof. Dr. Davison Hugo Rocha Alves (Membro) - UNIFESSPA

Prof^a Ma. Silvana de Sousa Lourinho (Membro) - UNIFESSPA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram na conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer ao meu Deus, que me deu forças para enfrentar as adversidades durante o percurso no decorrer dos 4 anos de estudos, a meu esposo Ronilson Pinheiro, que em todos os momentos esteve comigo, abriu mãos de seus sonhos, pra priorizar o meu sonho, e toda equipe da UNIFESSPA/PARFOR, à Gestão municipal, nosso Prefeito Flávio Mezzomo, juntamente com a secretaria de educação do município de Breu Branco, minhas colegas de trabalho por me apoiarem durante todos os inícios de bimestre que eu me ausentava pra me dedicar aos estudos, minhas colegas de classe pelo apoio e incentivo, enfim a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa de minha vida.

Agradeço também a todo corpo docente da Unifesspa pelo empenho na introdução do meu conhecimento, pelos conselhos e estímulos que me atribuíram e em especial a meu professor e orientador Dr. Walber Christiano Lima da Costa pelo seu comprometimento e dedicação com seu trabalho.

Atitude também é inclusão! "Atitude de respeito com as diferenças!"

Luiz Vanderlei Rodrigues

RESUMO

O presente trabalho destaca a inclusão de estudantes com baixa visão na rede regular de ensino das escolas públicas. Traz como objetivo estimular no estudante com baixa visão o interesse pelo gostar de aprender, e assim promover a interação e a socialização entre os estudantes através do lúdico e que desta forma, venha mostrar para o estudante com baixa visão a importância dele estar incluído na sala de aula. Foi utilizada metodologia de pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros, em que através da pesquisa, concluímos que é possível inserir a ludicidade para estudantes com baixa visão, porém é necessário fazer adaptações desde os recursos pedagógicos ao espaço educacional juntamente com a comunidade escolar (pais professores e estudantes), e inserir o estudante ao restante da turma. Nesse sentido a ludicidade necessita estar sendo utilizada em sala de aula e o estudante com baixa visão só precisa ser incluído dentro e fora da sala, é importante destacar que em relação a inclusão muito ainda precisa ser feito para inserir a ludicidade junto as crianças com baixa visão e que muito precisa ser pesquisado e explorado e que algumas questões ainda podem ser desveladas como a auto estima de muitas crianças e adolescentes na aula.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Baixa Visão; Adaptações; Recursos Pedagógicos.

ABSTRACT

The present work highlights the inclusion of students with low vision in the regular teaching network of public schools. Its purpose is to encourage students with low vision to be interested in learning, and thus promote interaction and socialization between students through play and, in this way, show students with low vision the importance of being included in the classroom. of class. Bibliography research methodology was used in scientific articles and books, in which through research, we concluded that it is possible to insert ludicity for students with low vision, but it is necessary to make adaptations from the pedagogical resources to the educational space together with the school community (parents teachers and students), and insert the student into the rest of the class. In this sense, ludicity needs to be used in the classroom and the student with low vision only needs to be included inside and outside the room, it is important to highlight that in relation to inclusion, much still needs to be done to insert ludicity with children with low vision vision and that much needs to be researched and explored and that some issues can still be unveiled, such as the self-esteem of many children and adolescents in the classroom.

KEYWORDS: Inclusion; Low Vision; Adaptations; Pedagogical Resources.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
CAPÍTULO II – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	33
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Eu sou Josiane de Jesus Pinheiro Cristo tenho 32 anos de idade, sou mãe de três filhos, casada, nascida e moradora do município de Breu Branco Pa. Venho de família simples, e desde criança sempre sonhei em ser professora, mesmo diante de inúmeras dificuldades tais como questão financeira lidar com criança pequena pois me casei muito cedo , também por morar longe da cidade, nunca desisti do meu sonho de ser professora .Na primeira oportunidade que surgiu me matriculei no curso de magistério, logo após o estágio já comecei a trabalhar, minha primeira experiência foi com uma turma de estudantes da EJA I.

No ano de 2010 o município de Breu Branco inseriu na grade curricular a disciplina de língua inglesa, a partir da educação infantil, pois antes do ano de 2010 os estudantes começavam a estudar inglês só depois da quinta série. Nesse sentido a diretora da escola fez uma reunião com todos os professores, e solicitou a mim que eu deveria estudar inglês, pois ela via em mim potencial ministrar a disciplina, logo me prontifiquei, pois tinha muito interesse em aprender inglês, desde o meu tempo de estudante a língua inglesa era minha disciplina favorita. Segui a orientação da diretora me matriculei em uma instituição privada, estudei por 3 anos, e com apenas 9 meses do primeiro ano do curso de inglês fui chamada para assumir as turmas de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, na Escola Tocantins na Zona rural do Município Breu Branco, desde o ano de 2013 até o presente momento, ano 2022, se totalizando 14 turmas com 2 aulas semanais em cada turma.

Durante toda essa trajetória de 2013 a 2022,quase em todas as turmas havia estudante com deficiência sendo eles; estudante cadeirante, estudante com baixa visão, estudante com cegueira, estudantes com deficiência intelectual e nesse percurso percebi que todos esses estudantes estavam sempre retraídos, isolados nunca gostavam de se integrar ao restante da turma, e sem contar que no início da minha carreira profissional, por aproximadamente 5 anos o professor titular, ou professor de área trabalhava sozinho na sala com todos os estudantes, incluindo os estudantes com deficiência sem apoio de profissionais mediadores. E ao me deparar com essa situação, tive uma preocupação muito grande, afinal eu também não possuía nenhuma formação adequada para lidar com esse público. Diante dessa situação me matriculei imediatamente em um curso de Mediador Escolar em uma instituição privada, que durou 3 anos, e nesse curso aprendi muito como lidar com

esse público, e assim pude desenvolver melhor minha prática pedagógica, e nesse percurso o que mais me chamou atenção foram os estudantes com baixa visão, e com cegueira.

O Presente tema surgiu através de uma inquietação a partir do contato com estudantes com deficiência no meu local de trabalho, vi de perto quanto esses estudantes precisavam de apoio ainda maior. A partir do ano de 2017 houve a contratação de professores mediadores, ao meu ponto de vista a situação dos estudantes com deficiência se tornou ainda pior, pois simplesmente os profissionais contratados eram pessoas comuns indicados por políticos sem formação adequada, e sem preparação para lidar com esses estudantes, que diante essa situação dia após dia, os estudantes estavam sendo prejudicados, e não estavam sendo atendidos da forma que deveriam ser atendidos, e só a partir do ano de 2021 que os professores mediadores passaram a ter preparação através de formação continuada por parte da secretaria municipal de educação .

Portanto houve a necessidade de investigar a importância da ludicidade para estudantes com baixa visão, além disso através da investigação se pretendeu compreender as possibilidades das formas lúdicas de facilitar a aprendizagem que valorizassem as potencialidades e a convivência com as diferenças possibilitando assim uma aprendizagem significativa e prazerosa que estimule o desejo pelas descobertas exercitando a socialização no processo de inclusão dos estudantes com baixa visão. O presente trabalho teve como objetivo estimular no estudante com baixa visão o interesse pelo gostar de aprender, e assim promover a interação e a socialização entre os estudantes através do lúdico e que desta forma, venha mostrar para o estudante com baixa visão a importância dele está inserido na sala de aula.

A estrutura do trabalho consta da seguinte forma: elementos pré-textuais, Introdução onde apresento o tema e inquietações sobre essa pesquisa; Referencial teórico, onde apresento os principais autores norte que possibilitaram as reflexões desta pesquisa; Metodologia do trabalho, onde apresento os passos metodológicos da pesquisa; Resultados e discussão, onde apresento as principais análises do trabalho; Considerações finais onde trago os principais desfechos da pesquisa e as referências que nortearam a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Educação especial e inclusão escolar

A preocupação sobre as práticas inclusivas nas escolas públicas no Brasil começou após a Declaração de Salamanca, com desafios e dúvidas, ainda hoje passados cerca de 25 anos, os professores do ensino regular se queixam dizendo que não tem conhecimento ou preparo formal para lidar com crianças com deficiência. Dessa forma as principais solicitações de professores estavam relacionadas à falta de profissionais especializados, e capacitados capazes de oferecer suporte de forma mais sistemática no dia a dia do processo educativo com essas crianças. De acordo com o documento, a preocupação está em atender o quanto antes os estudantes, e posteriormente os espaços e preparação dos profissionais no documento da Declaração de Salamanca (1994, p.11) diz que

toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, • toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, • sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, • aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.

Como vemos no texto a preocupação em primeiro lugar surge como atender e inserir os estudantes dentro do espaço educacional, e posteriormente as adequações do espaço, e o treinamento dos professores, assim tanto os profissionais quanto aos espaços ficarão em segundo plano, dependendo da necessidade o espaço passará por adequações, da mesma forma o treinamento dos profissionais, dependendo da necessidade do estudante qual ele deverá atender. No entanto se percebe que na maioria dos casos o professor mediador que atende o estudante com deficiência, ele não tem preparação antes de chegar a sala de aula, e sim após se deparar com as situações e com os desafios que a partir do momento da contratação irá enfrentar.

Ou seja, mesmo diante de todos os direitos e deveres dos estudantes com deficiência que estão matriculados na rede regular de ensino estarem assegurados, ainda assim há falhas e carências que precisam ser corrigidas.

Alguns autores como Wood (1998) e Federico, Harold e Vem (1999) [...] que os modelos de colaboração entre professores, pais e demais profissionais das escolas, que tem sido implementado para atender a diversidade já são reconhecidos como estratégias poderosas devem sucedidas. Portanto é necessário que todos estejam inseridos no contexto escolar, para melhorar na sua prática e assim obter um ótimo resultado com os estudantes com deficiência. Na obra de FREIRE (1991 p.13) é destacado sobre o ensinar o qual o autor enfatiza a importância de que o professor necessita estar ciente da forma como ele deve ensinar, no que diz

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE ,1991 p.13).

Nesse sentido o que se observa são alguns fatores extremamente importantes tais como medidas adequadas, e necessárias as quais os profissionais precisam aderir em suas práticas, pois é através da facilitação dos conteúdos, que os estudantes terão potencial suficiente para seguir em sua carreira como um excelente aprendiz. Assim Freire (1991 p.14) segue destacando em sua linha de pensamento que [...]’O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. No qual além de o profissional ser um exemplo, para os estudantes ele também deverá ser um dos maiores incentivadores e motivadores, tolerar quando necessário, e encorajar sempre seus estudantes enquanto estiverem dentro da escola para que eles possam seguir uma boa vida para além da escola, pois tudo que eles aprendem no espaço escolar nos seus anos iniciais irá ter um reflexo em sua vida fora da escola, pois todos os estudantes trazem consigo conhecimentos e experiências, que tanto os colegas quanto os professores a partir do momento em que estão dividindo o mesmo espaço serão conhecedores . Nesse sentido FREIRE (1991 p.17) diz que

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não

só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária.

É importante destacar que, o estudante com deficiência que está incluído na sala de aula juntamente com o restante da turma, ele deverá ser visibilizado pelo meio educacional de forma igualitária aos demais estudantes com quem ele divide o mesmo espaço, pois o que o torna diferente dos outros estudantes é somente o tipo de necessidade que ele possui. E o professor deverá sempre estar atento buscando inovações para atender a todos os estudantes de forma igualitária.

A autora MANTOAN (2003 p.8), ressalta que;

Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da idéia de uma formação integral do aluno — segundo suas capacidades e seus talentos — e de um ensino participativo, solidário, acolhedor.

Este fato justifica e fortalece a ideia de que o ambiente escolar deve promover a formação integral do estudante levando em conta suas peculiaridades, e quando se fala de inclusão escolar é preciso entender a contextualidade desse tema, pois sabemos que é necessário atender os estudantes com deficiência de forma condizente como os demais estudantes e assim contribuir para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas dos estudantes. Dessa forma MANTOAN (2003 p.8) destaca que;

A perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças, o que não exclui a interação com o universo do conhecimento em suas diferentes áreas.

Conforme o texto todo processo de inclusão deverá ser trabalhado através de um procedimento diário e contínuo de acordo com a realidade tanto dos estudantes quanto de cada localidade. Mantoan (2003, p.8) reforça que “Estamos todos no mesmo barco e temos de assumir o comando e escolher a rota que mais diretamente nos pode levar ao que pretendemos. Essa escolha não é solitária e só vai valer se somarmos nossas forças às de outros colegas, pais, educadores em geral, que estão cientes de que as soluções coletivas são as mais acertadas e eficientes”. Assim sendo

fica evidente que todo processo educacional no qual o estudante com deficiência tende a enfrentar não está relacionado a responsabilidades apenas do professor, mas sim de forma coletiva envolvendo família escola e comunidade. BRASIL (2017 p.17), assegura a necessidade de

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias[...]

Portanto cabe diretamente ao professor a responsabilidade de selecionar os conteúdos que serão trabalhados com os estudantes. E aos demais envolvidos a consciência e responsabilidades que cada um deverá entender e cumpri-las.

Em se tratando da inserção de estudantes com deficiência na escola regular de ensino, não pode esquecer que esses estudantes também dispõe de direitos e deveres amparados pela Constituição Federal, que no Capítulo III, Seção I, art. 205, diz [...] “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”[...] Ou seja, não basta somente o estado garantir aos estudantes a oportunidade de frequentar a escola regular, mas também é indispensável que a família e a sociedade abrace essa causa.

Nesse sentido a Lei nº9394/96, que estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu título V, capítulo V, art. 58, parágrafo 1º que diz, “ haverá quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial”, assim vemos que os estudantes com necessidade especial sendo elas; Deficiência física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial e a deficiência múltipla, não importa qual sua especificidade, esses estudantes tem o direito de frequentar a escola regular, mas vemos que, de acordo com o texto de (HEREDERO 2010 p.193), em que o autor argumenta que no momento de construção da escola inclusiva, todas as discussões que se deram nos países, legislações, as declarações, os documentos tiveram um papel muito importante para a discussão da implantação das leis que diz respeito a inclusão das minorias no brasil, e que tais discussões trouxeram mudanças significativas ao país. Neste cenário em que a educação inclusiva, assim como em outras áreas como; indústrias, tecnologia, saúde, seguem alguns modelos padrões de outros países, não

é diferente com a educação inclusiva, pois se nos outros países esses modelos estão obtendo bom resultado aqui no Brasil não será diferente, e de fato se realmente seguirem os modelos certamente os estudantes atendidos terão uma educação de qualidade, e todas as expectativas serão alcançadas.

Apesar de se falar em educação inclusiva há muito tempo, aqui no Brasil só se alavancou depois da constituição federal de 1988, pois na constituição assim como em outras áreas, é destacado que a educação inclusiva, também é um direito de todos e dever do estado e da família, com a colaboração de toda sociedade, assim ela é destacada como direito de todos sem distinção de sua condição, quer seja física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial ou a deficiência múltipla, todos os estudantes tem o direito de frequentar uma escola regular, para que juntamente com os demais estudantes possam desenvolver seu aprendizado, não importando o tempo, e nem o momento, o que importa é que, esses estudantes consigam desenvolver seu aprendizado pois cada estudante tem sua especificidade dependendo de sua deficiência.

Dessa forma ainda segundo o texto de HEREDERO (2010 p.194), para que a inclusão dos estudantes com deficiência venha de fato acontecer, a Lei das Diretrizes e Bases, onde dentro das leis disponibilizam artigos, parágrafos, e incisos que amparam aos estudantes com deficiência, assim como a declaração de Salamanca, assumem o compromisso com a educação para todos dentro do sistema regular de ensino, juntamente com Projeto Político Pedagógico, que também deverá se adequar em que perpassa da adaptação curricular, às estratégias para atender da faixa etária de 0 a 6 anos da educação infantil como também até a educação de todos os jovens, e por toda educação básica, para responder as diversidades e as deficiências. Também é perceptível a preocupação com as formações adequadas dos profissionais que atendem a essa demanda, os quais sempre estão obtendo preparações através de formações continuadas. Nesse sentido, a escolarização de todos os estudantes na rede regular de ensino, de acordo com HEREDERO (2010, p.195), diz que

A definição da educação como direitos de todos e dever do Estado assegura que o ensino será ministrado com base no princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola de todos. com estas ações, voltadas para a inclusão, pretende - se garantir a universalidade e a equidade para todos os cidadãos na rede regular de ensino.

O que se faz notório entender que os estudantes com deficiência serão escolarizado juntamente com os demais estudantes da rede regular de ensino e com a mesma idade, e no mesmo espaço, e não em escolas de educação especial como anteriormente acontecia, pois a finalidade de inclusão é preparar todos os estudantes para vida fora da escola.

O autor vem destacando sobre a implantação da educação inclusiva, e sua importância para o desenvolvimento do estudante com deficiência que, segundo ele deverá acontecer juntamente com os estudantes da rede regular de ensino, e também ressalta que no Brasil, concretamente, foi desenvolvido um Programa de Educação Inclusiva para 2003 – 2006 Segundo HEREDERO (2010 p.195 *apud* BRASIL, 2003a),

[...] o Programa de Educação Inclusiva é direito à diversidade que tem o objetivo de disseminar a política de educação inclusiva nos municípios brasileiros e apoiar a formação de gestores e educadores para efetivar a transformação de gestores e educadores para efetivar a transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos, adotando como princípio, a garantia do direito dos estudantes com necessidades especiais de acesso a permanência, com qualidade, nas escolas da rede regular de ensino.

O que remete a entender que a inclusão é um direito de todos, sem discriminação e com apoio dos pais e comunidade através de metodologias e adaptações para que os profissionais usem a interdisciplinaridade, para que possa ser desenvolvida através do trabalho em equipe, com a finalidade de apoiar e ajudar os estudantes que, de acordo com o texto de Heredero (2010 p.195) a partir de 2004, utilizam a expressão [...] ”pessoas com deficiências, e dentro da escola a legislação brasileira defende e define, também para os usos dentro da escola no planos de trabalhos, o termo necessidades educacionais especiais”. Onde é perceptível que a escola e os professores precisam está ainda mais atentos a esses estudantes, pois é essencial que, tanto a escola quanto os professores estejam atualizados do que está acontecendo, pois dentro das necessidades educacionais especiais são inúmeras as deficiências, que também não se limitam somente a pessoas com deficiência, mas também podem ser caracterizadas ou estarem ligadas a outros fatores como afirma (HEREDERO, 2010, p.196): “Crianças trabalhadoras, ou que vivem nas ruas, crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais; crianças de grupos desfavorecidos ou marginalizados”.

As dificuldades citadas acima os quais impossibilitaram, ou dificultaram o aprendizado da criança na idade certa, não podem interferir definitivamente no aprendizado dessas crianças, pois o atraso no aprendizado de algumas crianças consideradas normais, que de certa forma foi adquirido através de alguns desses fatores, poderá ser corrigido a tempo pois segundo Heredero (2010 p.196). haverá [...] “intervenção pedagógica por meio do desenvolvimento das estratégias metodológicas utilizadas cotidianamente, até situações mais graves e permanentes, que requerem a utilização de recursos e serviços especializados para sua recuperação”. Bem como também aponta o texto de (HEREDERO, 2010 p.197) que diz

Envolvendo adaptação ou flexibilização curricular que pode configurar variadas modificações nas práticas pedagógicas, visando a facilitar a aprendizagem e a participação dos alunos que apresentam dificuldades em seu processo de escolarização, com ajuda e colaboração de todos.

Neste contexto é notório o quanto a participação dos pais, escola comunidade em geral não só fazem toda a diferença no cotidiano dessas crianças ,mas também influenciam de forma positiva através de suporte que facilitará e ajudará no processo de aprendizagem por menor que seja do ponto de vista dos envolvidos, pais, comunidade, escola, mas pra essa criança a união de todos é fundamental para o seu desenvolvimento. Segundo Heredero (2010, p. 197 *apud* a secretaria para a educação especial no brasil), “na busca desse pressuposto é essencial o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança, a ampliação da participação da família e da comunidade nos espaços educacionais”.

Onde observa-se que, a educação inclusiva é um direito de todos, a escola é apenas um espaço que vai ampliar a transformação, não somente dos estudantes mas também dos profissionais envolvidos no decorrer do processo de ensino e aprendizado dos estudantes com deficiência, pois os profissionais irão apenas adaptar materiais mediar e facilitar o conhecimento desses estudantes, para que eles consigam acompanhar o restante dos estudantes da classe.

No Brasil o tema inclusão, com o passar dos anos só aumenta sua amplitude e segue ganhando seu espaço e destaque cada vez mais expressivo, em relação a pessoas com deficiência a autora retrata sobre a inclusão no espaço escolar, e discorre como deverá se ocorrer pois dentro do texto BÁFICA (2012, p.2) destaca que;

Urge a necessidade de se pensar uma sociedade menos desigual, onde todos tenham acesso aos bens e direitos que a vida, a natureza e a história prepararam. Nesse sentido, o debate gira em torno das acessibilidades, do acesso a uma educação de qualidade e igual para todos, acesso aos locais e espaços de convívio social em geral.

Dessa forma é justo que aos estudantes com necessidades especiais assim como os demais disfrutem de tudo que há de melhor dentro da escola e por toda sua vida, BÁFICA (2012, p.2) diz que;

O recorte desta discussão se evidenciará em discutir e analisar a inclusão de pessoas deficientes no espaço escolar. Primeiro, por compreender ser um tema pertinente, para uma sociedade que tanto tem falado em inclusão social e que precisa continuar dando sinais reais de que essa inclusão é possível. Segundo, por que não se pode falar em inclusão social numa sociedade capitalista, deixando de fora a educação. Por fim, porque quando falamos em Educação e Educação Inclusiva, falamos de um processo que visa o indivíduo integral e sua inclusão em todas as esferas da sociedade.

O assunto abordado traz reflexões sobre a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência, dentro da escola regular isso refuta a ideia de altos questionamentos, pois mesmo diante de todos os aprendizados e informações que se tem na atualidade, ainda vivenciamos momentos de desconsiderações com pessoas com deficiência, mas com a interação do estudante com os demais da turma ambos passaram a conviver, e juntos construir uma nova forma de enxergar o indivíduo com algum tipo de particularidade dentro e fora da escola e entre a sociedade. No texto Segundo Báfica (2012, p.4 *apud* CELEDÓN, 2008), a autora enfatiza que;

Desde ao longo da história, a educação especial tem sido considerada com educação para deficientes, seja qual for a deficiência: mental, auditiva, visual, motora, física, múltipla ou decorrente de distúrbios evasivos de desenvolvimento, além das pessoas superdotadas que também têm integrado este tipo de educação. Antes do século XX, não existia a ideia de inclusão para todos. Deste modo, a maioria das pessoas (principalmente mulheres, deficientes físicos e mentais, de outras raças que não a branca, e pobres) não tinha o direito ou as condições mínimas para freqüentarem a escola (CELEDÓN, 2008).

Assim vemos, que com o passar dos anos, através dos direitos alcançados mais pessoas passaram a ter acesso a escola, mesmo que em ambientes separados até o surgimento das escolas especiais, qual atendia somente estudantes deficientes, tais mudanças foram ocorridas no século XX. Báfica (2012) [...]” e mais tarde as classes especiais dentro das “escolas comuns”. Surge assim, uma “aberração

pedagógica”, a separação de dois sistemas educacionais: de um lado a educação comum e do outro a educação especial”[..]. Assim a educação inclusiva iniciava sua trajetória mesmo que em espaços separados, mas já era um grande marco o qual anos depois se expandiria por todo o planeta. Segundo Báfica (2012, p.4 *apud*, CELÉDON 2008) destaca ainda que;

Na década de 70, aparece a integração. Espaço em que as escolas comuns aceitavam alguns alunos, antes abandonados ou marginalizados. Estes passavam a freqüentar as classes comuns, desde que conseguissem adaptar-se (o que na prática raramente acontecia). Por fim, chegamos aos anos 90, e com eles à inclusão (na verdade, os primeiros movimentos que apontavam para o surgimento da inclusão escolar para todos os deficientes são do final da década de 80). Passou-se então a entender que só existe um tipo de educação, e ela é para todos sem restrição, nem separação (CELEDÓN, 2008).

Apesar de se falar em inclusão educacional, de educação especial desde o século passado já era mencionado que ela é para todos sem restrição de classes ou grupos sociais separadamente ou isolados do restante da sociedade, porém mesmo com todos os passos e decisões tomadas, e direitos assegurados amparados e garantidos por leis, ambos ainda caminham com passos lentos, exigindo uma certa paciência ou tolerância por parte dos estudantes que dispõe de algum tipo de necessidade. Dessa forma BÁFICA (2012 p.4) afirma que;

Vale salientar que a inclusão começou como um movimento de pessoas com deficiência e seus familiares, na luta pelos seus direitos de igualdade na sociedade. E como a maioria desses direitos começa a ser conquistado a partir da educação (da escola, lugar onde se ensina cidadania), a inclusão chegou até a escola (espelho da sociedade). Hoje a inclusão é direito de todos sem discriminação, sem rótulos.

Portanto fica à critério dos responsáveis pelos estudantes irem a luta para assim garantir seus direitos e não perderem os benefícios, que está disponível dentro do espaço escolar, pois quanto antes as crianças iniciarem seu processo de aprendizado mais chances terão em toda sua evolução tanto de estudante quanto de preparação para vida fora da escola. Quanto a educação especial em relação a educação, segundo BÁFICA (2012 p.5) em seu texto a autora diz que

No Brasil, a “educação especial” passou a constar na política educacional nos anos 50-60 do século XX. Embora algumas experiências educacionais inspiradas nos modelos europeus e norte-americanos tenham iniciado no século XIX. [...]Um passo significativo em relação à inclusão foi a partir da

Constituição Federal de 1988, rompendo com o modelo assistencialista, até então operante, respeitando as desigualdades e reconhecendo que a sociedade é caracterizada pela diversidade.

Mesmo a educação ter iniciado já há muitos tempos, e de ter seguido outros exemplos ainda assim, é um grande desafio seguir em frente, pois é necessário ter consciência de que essa modalidade precisa estar em colaboração com todos os envolvidos, comunidade escolar, pais e comunidade. Nesse sentido o MEC divulga pesquisa recente que traz resultados impressionantes e preocupantes em relação a educação especial que diz;

Estudos apontam que Atualmente, apenas 30% das escolas que registram matrículas de alunos com deficiência oferecem atendimento educacional especializado. Além disso, somente 26% contam com salas de recursos multifuncionais e apenas 4% dos professores que atuam nessas escolas têm formação específica em educação especial.

Ou seja mesmo diante de todos os direitos e deveres dos estudantes com deficiência que estão matriculados na rede regular de ensino estarem assegurados, e muitas preocupações por familiares, comunidade escolar e por especialistas em educação essa é uma pauta de muita relevância que ainda assim há falhas e carências que precisam ser corrigidas.

1.2 Deficiência visual: aspectos específicos e educacionais

De acordo com as autoras GONZÁLES e DÍAS (2007, p.101), são apresentadas as seguintes definições para uma pessoa cega ou com baixa visão:

Quando falamos de pessoas visivelmente incapacitadas, incluímos os cegos e aqueles sujeitos que tem baixa visão. Esses conceitos englobam desde a pessoa que precisa de óculos para ler o jornal até a que está totalmente cega, portanto devemos fazer uma distinção, em primeiro lugar, entre cegueira, que supõe uma perda da visão, e deficiência visual, que são alterações no sistema visual, que se define pelos parâmetros de acuidade e campo visual. Por acuidade visual entendemos a capacidade que o sujeito tem para distinguir o objeto a uma determinada distância (GONZÁLES E DÍAZ, 2007, p.101).

O que se observa são alguns fatores como; a distância, e graus que os olhos podem abranger, de onde surgem a dificuldade na visão as quais impossibilitam o sujeito de ter uma visão perfeita que não é uma coisa simples e banal e nem de

vontade própria. Mas que precisa de um acompanhamento especializado para se ter um diagnóstico, e assim trabalhar desde cedo as adaptações necessárias tais quais as de frequentar a escola na idade certa, fazer uso dos materiais pedagógicos adequados para sua necessidade sendo ele cego, ou com baixa visão, para que assim o estudante consiga interagir com o restante da turma, e assim possa seguir sua vida normal fora da escola.

González e Díaz (2007) argumentam que; “os sujeitos com deficiências visuais são heterogêneos, se levarmos em conta duas características importantes: por um lado, o resíduo visual que possuem e, por outro, o momento de aquisição de sua deficiência, pois um sujeito cego de nascimento não igual aquele que adquire essa condição ao longo da vida. Em função desse momento, seus condicionantes pessoais e suas aprendizagens serão totalmente diferentes”. Portanto o aprendizado desses estudantes serão cada um no seu tempo, e no seu momento. Neste cenário em que a deficiência visual é atribuídas a diversas causas (GONZÁLES e DÍAS, 2007 p.103).

Os autores afirmam que por essa razão, há diferentes maneiras de classificá-las tais como; por graus - parcial e total, por idade de início - as crianças com deficiência visual podem ser classificadas pela idade de início do problema, e etiologia - os problemas visuais surgem por algumas interferências na formação de imagens na retina, ou na transmissão destas ao cérebro[...] . De acordo com ONCE citadas pelas as autoras GONZÁLES e DÍAS (2007, p.103), são apresentadas as seguintes definições para ser considerado que o sujeito é cego;

Em primeiro lugar, encontramos aqueles sujeitos que sofrem anomalias congênitas porque a mãe teve alguma doença congênitas porque a mãe teve alguma doença durante os primeiros meses de gravidez, como rubéola ou toxoplasmose[...] No segundo grupo estão aqueles casos de problemas de refração, como miopia. Ao terceiro grupo pertencem os que receberam algum traumatismo no olhos, durante a prática de esportes [...]O quarto grupo é representado por lesões no globo ocular. Um quinto grupo é formado por todas as lesões que ocorreram no nervo óptico, no quiasma e nos centros corticais. No sexto grupo temos a cegueira determinada por alterações próximo dos olhos[...]O sétimo grupo comporta doenças gerais que podem ser infecciosas, intoxicações ou ainda transtornos do tipo endócrino. Por último, o oitavo grupo apresenta casos de cegueira cuja causa é determinada por parasitas. (ONCE) (GONZÁLES e DÍAS, 2007, p.103).

Nesse sentido, como podemos observar no texto, as causas que determinam a cegueira, ou baixa visão são múltiplas mas que esses fatores não impossibilitam o tratamento e os métodos adequados para auxiliar na formação, desse indivíduo que

de alguma forma foi acometido por essa necessidade, mas que se for diagnosticada e trabalhada à tempo, favorecerá e facilitará com que ele consiga desfrutar de uma vida normal dentro da sociedade. MENEZES (2012 p.3) destaca as dificuldades enfrentadas por parte dos estudantes com baixa visão no que diz;

A fase de Letramento/Alfabetização de uma criança cega ou com baixa visão, em especial, suscita criteriosa postura pedagógica e diferentes recursos didáticos e metodologias que façam frente às dificuldades encontradas na caminhada educacional desse educando. O conhecimento profundo desse período, tão complexo e mágico na vida escolar de uma criança com deficiência visual, é imprescindível para que se despertem ideias, nasçam fabulações, levantem-se curiosidades. A criança precisa ficar frente ao universo dos objetos, da natureza, dos sentimentos e da imaginação.

Faz-se necessário a atuação e intervenção pedagógica frente aos desafios enfrentados por esses estudantes no que diz respeito ao seu aprendizado, pois tudo que se é trabalhado em sala de aula traz um ótimo reflexo para esses estudantes. Isso faz se entender que o professor deixe de ser um simples reproduzidor de conteúdos e passe a ser um mediador de conhecimentos para com o estudante. Menezes (2012 p.4) reforça que;

[...]o processo de aprendizagem de um educando com deficiência visual requer procedimentos e recursos didáticos especializados. Para que seu crescimento educacional se efetive, verdadeiramente, é necessário que lhe sejam oferecidas oportunidades de aprendizagem e experiências concretas. Isto aponta para o exercício de uma pedagogia que favoreça a multidescoberta, que busque o caminho da compreensão efetiva do mundo, que incentive o uso pleno das potencialidades da criança. A criança com deficiência visual precisa ser percebida como um ser capaz de desenvolver seu pensamento e adquirir competências ainda que em condições particulares, do seu próprio conhecimento.

O professor precisa oportunizar o estudante a realizar novas descobertas fazer ele se sentir capaz de produzir qualquer atividade com autonomia, pois ao frequentar a escola, ela passará a conviver em outro espaço, com outras pessoas fora do hábito de seu convívio familiar. MENEZES (2012 p.4) assegura que

O processo educativo coloca educadores e educandos diante de um amplo campo de trocas simbólicas. É uma construção recíproca e multifacetada, uma etapa em que os desafios andam lado a lado com as descobertas e com a busca da autoconfiança”. uma fase de profundas mudanças e incontáveis ganhos, mas que impõe constante reflexão e aprimoramento. É importante ressaltar a necessidade da adoção de uma linha pedagógica aberta, novos procedimentos didáticos e a observância aos fundamentos essenciais que levam o educando a perceber com maior consciência e prazer a construção do próprio conhecimento.

Como podemos observar todo processo de ensino e aprendizagem se dá através da troca de conhecimentos, tanto por parte do professor quanto por parte do estudante, pois a partir do convívio escolar, ambos trazem consigo em sua bagagem conhecimentos únicos que poderão compartilhar uns com os outros. Dessa forma MENEZES (2012 p.4) afirma que;

o processo de aprendizagem de um educando com deficiência visual requer procedimentos e recursos didáticos especializados. Para que seu crescimento educacional se efetive, verdadeiramente, é necessário que lhe sejam oferecidas oportunidades de aprendizagem e experiências concretas.

Assim todo o seu processo de aprendizado depende da forma com que o professor, mediador irá utilizar em sua prática ao desenvolver atividades que venham despertar o interesse ainda maior por parte do estudante.

Segundo Menezes (2012 p.4). "A criança com deficiência visual precisa ser percebida como um ser capaz de desenvolver seu pensamento e adquirir competências ainda que em condições particulares, do seu próprio conhecimento. Vê-la como resultante de ações pautadas em condicionamentos infundáveis, é uma atitude que deve ser banida". Assim sendo não basta somente trazer a criança para junto do convívio escolar, é necessário que os professores regentes, professor mediador, colegas de classe possam abrir mão dos cuidados excessivos, pois a criança ao entrar para escola, ela precisa entender que está em constante aprendizado, em todos os sentidos, leitura escrita e também devendo ser ciente de como enfrentar a vida fora do espaço escolar. Dessa forma é necessário fazer o estudante se sentir apto para dividir o mesmo espaço juntamente com a sociedade comum, pois a educação escolar é somente uma fase da vida, qual a criança passará a melhor parte de todas, em momentos de descobertas, e de novos aprendizados que a acompanharam por toda sua vida.

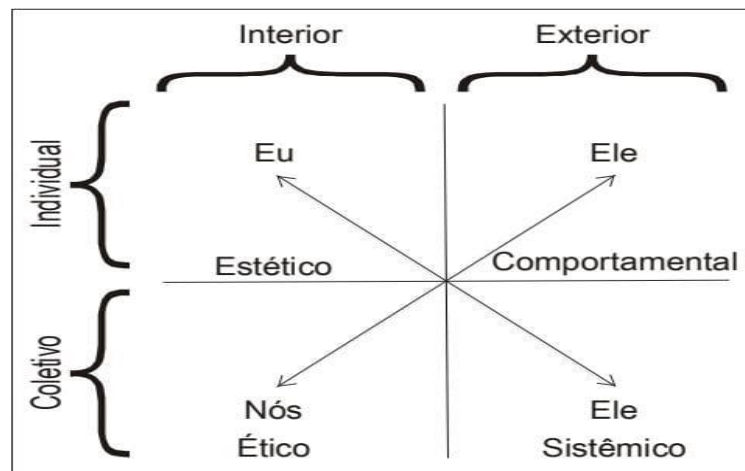
1.3 Jogos e brincadeiras

Os jogos e as brincadeiras tem um papel muito importante para a formação da criança, pois desde a antiguidade já se falava em brincadeiras, porém não eram associadas a educação, simplesmente eram repassadas de pais para filhos, através

de tradições como uma forma de diversão para as crianças, e com o passar dos anos os jogos e as brincadeiras se tornaram grandes aliados no desenvolvimento do aprendizado dos estudantes, Deste modo Luckesi (2015) afirma que “Ludicidade, a meu ver, é um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestações no exterior. Assim, ludicidade foi e está sendo entendida por mim a partir do lugar interno do sujeito”, dessa forma cada indivíduo traz consigo saberes únicos que poderão ser compartilhados com o restante da turma. Para Luckesi (2015) [...]”A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência”[..]. Ao se deparar com determinadas situações e momentos, cada envolvido passará a interpretar a sua maneira com significados únicos, porém o que se aprende poderá ser compartilhado, depende da personalidade da pessoa pois alguns são tímidos, e reservados, e dispõe de dificuldades para sua interação com os demais, Segundo Luckesi (2015, p.3 *apud*, WIBER) que;

Para alargar um pouco a compreensão que venho defendendo de que “o ato lúdico propicia uma experiência plena para o sujeito” e para situar essa compreensão no seio de outras possíveis compreensões das atividades lúdicas, vou servir-me do auxílio dos estudos de Ken Wilber, que nos ajudará, com certa facilidade, a compreender que aquilo que estou propondo tem a ver somente com uma dimensão do ser humano: a sua dimensão interna; a dimensão do seu desenvolvimento, da sua identidade, da sua integridade; a dimensão do desenvolvimento do seu ground interno⁴, como define David Boadella.

Como podemos observar na tabela, abaixo todo sujeito é interligado um com o outro, e entre si pois ninguém aprende nada sozinho, e na maioria dos casos todo o conhecimento adquirido pelo estudante é a partir do convívio, o qual as crianças sempre fazem reprodução do que se ver, seja através de brincadeiras ou da repetição do outro, que servirá para despertar novos olhares, e adquirir mais conhecimentos, para sua formação tanto estudante quanto como cidadãos.



Assim sendo o autor segue relatando a importância de sempre realizar as atividades lúdicas em conjunto, LUCKESI (2015 P.6) ressalta que,

vivenciar uma experiência lúdica em grupo é muito diferente de praticá-la sozinho. O grupo tem a força e a energia do grupo; ele se movimenta, se sustenta, estimula, puxa a alegria, mas somente cada indivíduo, nesse conjunto vital e vitalizado, poderá viver essa sensação de alegria, compartilhada no grupo.

Pois através, da interação e das brincadeiras as crianças terão maiores momentos de alegrias, e muitas diversões, e despertar não somente a curiosidade em aprender sobre a cultura dos outros, mais desenvolver seu gosto pelo aprendizado quanto estudante. Luckesi (2015) ressalta que " compreensão sobre as atividades lúdicas, especialmente sobre a sua constituição sócio histórica e sobre os seus papéis na vida humana, tem origem em várias áreas do conhecimento". Diante dessa afirmação podemos perceber que, as atividades lúdicas não se limitam apenas ao espaço escolar, e sim que poderão ir além, sendo direcionada a todo e qualquer comportamento psicológico e social. Portanto LUCKESI (2015 p. 10) afirma que;

o ato de brincar não só é revelador do inconsciente, ele também é catártico, ou seja, ele é liberador. Enquanto a criança brinca, ela, ao mesmo tempo, expressa e libera os conteúdos do inconsciente, procurando a restauração de suas possibilidades de vida saudável [...]

Ou seja é no momento da brincadeira que a criança consegue despertar outros sentimentos, ou até mesmo traumas, pois é nesse momento que a sua imaginação e suas lembranças fluem cada vez melhor, pois a brincadeira proporciona não somente prazeres diversão ou alegria, mais também poderá ser que através da brincadeiras possam se revelar algo inesperado e esclarecedor. Ao longo da história

da educação, surgiram leis regimentos, e documentos que auxiliaram para o melhor desempenho no processo do aprendizado dos estudantes, dentre os quais destacamos Brasil (2017) o qual argumenta que é necessário “selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de estudantes, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização e etc”. Dessa forma é necessário que a comunidade escolar possa se unir para verificar a melhor maneira de trabalhar, fazendo adaptações nos recursos didáticos de acordo com a realidade da escola e dos estudantes. Pois a (BRASIL 2017 p.17) diz que: “Essas decisões precisam, igualmente, ser consideradas na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais”.

Portanto é perceptível que, todos tem direito a educação independente de sua particularidade, e que só precisa ter uma atenção voltada para cada realidade. Diante dessa realidade a BRASIL (2017) afirma que; ”na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver. Conviver Brincar Participar Explorar Expressar Conhecer-se”. No entanto como podemos observar, os jogos e as brincadeiras resultaram sendo um dos métodos indispensáveis para auxiliar na formação das crianças tanto no decorrer de sua vida escolar, quanto na formação de caráter cidadão, tornaná-los preparados para enfrentar os desafios em sociedade, para que os estudantes se tornem pessoas conhecedoras de seus direitos e deveres.

Seguindo as etapas de escolaridades, (BRASIL 2017 p.36) destaca que “Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada”.

Isso remete a entender que o contato com os jogos e brincadeiras não poderá ser excluído das rotinas do estudante, e através deles é possível tornar o seu momento de aprendizado em momento prazeroso, tanto com os colegas de classe quanto com os adultos, assim sendo a Brasil (2017) segue destacando que “ A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças”[...] Pois através das brincadeiras e do momento de interação, “é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções”. Assim permitir que as crianças possam conviver com os outros faz com que elas passem a conhecer seu corpo, suas necessidades, facilitando então o trabalho do educador, dessa forma BRASIL (2017 p.39) afirma que;

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Inclusive, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens.

Todo esse trabalho só terá êxito se o educador aderir a ludicidade dentro de sua prática, como sabemos o bom desempenho de qualquer trabalho depende da maneira como os envolvidos são incluídos, pois para se obter um resultado favorável ao que se espera, é necessário que todos os direitos sejam garantidos. E esses direitos precisam ser reconhecidos e trabalhados desde os anos iniciais, pois é nesse primeiro passo que formamos a base da educação para vida toda. De acordo com a BRASIL (2017, p.43), são apresentadas as seguintes definições que a educação infantil precisa promover

Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações (BRASIL, 2017, p.43).

Como se pode perceber que, todas as experiências só serão possíveis de trabalhar se houver a inserção da ludicidade, pois é através dos jogos e brincadeiras que as crianças conseguem interagir com a turma inteira e vale a pena lembrar que não será definido apenas por anos letivos, com as crianças consideradas normais

dentro da rede regular de ensino, mas com todas as crianças que estiverem matriculadas e frequentando o mesmo espaço.

Caroline (2021, p.1) pontua que

É importante compreender que tanto os jogos, como as brincadeiras são indispensáveis para a aprendizagem. A utilização de recursos pedagógicos possibilita que as crianças se envolvam de maneira positiva, buscando um processo significativo para o cotidiano dela, é onde ela e o seu professor se relacionam de modo prazeroso, reconhecedor e interativo.

Buscar inovações em sua prática pedagógica, através do lúdico permite ao educador traçar novas descobertas e novos caminhos a serem trilhados tanto por ele, quanto pelos estudantes.

Segundo Caroline (2001 *apud* LOBO, 2013), “afirma que todos, desde a infância necessitam do brincar, podendo existir culturas diversas, mas o significado é o mesmo, de se descobrir, começando pelo bebê, que já começa a se expressar brincando até a fase que irá demonstrar o verdadeiro significado do lúdico em sua vida. Muitas vezes, passa despercebido, principalmente na sociedade que estamos vivendo, um mundo capitalista onde a tecnologia fala mais alto, mas o educador sabe da seriedade que isso traz para vida da criança”. Nesse sentido promover o momento da aula em momento de interação, faz com que os estudantes tenham mais conhecimento sobre si e sobre o outro, através de brincadeiras tradicionais, pois dentro de uma sala de aula há culturas diversificadas. Dessa forma CAROLINE (2021 p.5) destaca que

O lúdico, além de ser considerado um método de ensino aprendizagem, trás diversão para as crianças e também para os adultos, é uma boa maneira para se distrair, brincar juntos, fazer com que ele seja muito importante para todos nós, não um passatempo ou bobagem, mas sim algo que esteja sempre nos desenvolvendo intelectualmente.

Trazer o lúdico para prática pedagógica, não é tão simples assim, pois os jogos e brincadeiras precisam ser dirigidos, e sempre deve ser trabalhado com uma finalidade, não somente para passar tempo. Segundo as autoras Oliveira e Silva (2022 *apud* PIAGET (1971),”o lúdico não envolve apenas uma forma de ocupação para gastar energia das crianças, mas um meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual. Freijó (1992) diz que “o lúdico é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica

humana, mais sim para ajudar no desempenho das crianças em sala de aula”, e assim formar pessoas capazes de expressar seus sentimentos, ser paciente, e ter liberdade, e autonomia para buscar seus direitos para que possam viver em harmonia com a sociedade.

Para Caroline (2021, p. 6), “Em seus primeiros anos de vida, a criança fatalmente vive experiências que marcarão o seu perfil emocional e educacional pelo resto da vida.” [...] o que leva a pensar que todo o esforço em preparar aulas prazerosas serão recompensados, por mais que sejam escassos os recursos, ou até mesmo não tiver os espaços adequados para trabalhar isso não impossibilita de buscar inovações, e inserir os jogos e brincadeiras os tornando aliados e um dos favoritos que iram facilitar o aprendizado dos estudantes. Assim sendo está nas mãos dos professores a maior responsabilidade em fazer parte da transformação da vida de estudante, e também pela vida fora da escola, como afirmam OLIVEIRA E SILVA (2022 p.22) que diz;

No conceito pedagógico a ludicidade deve ser usada como um instrumento facilitador da aprendizagem do educando. As atividades lúdicas devem ser utilizadas pelos educadores, atua como apetrecho fundamental na formação satisfatória do educando em todos os sentidos. No decorrer dos anos a valorização das atividades lúdicas tem se tornado mais frequente nas escolas de educação infantil.

Dessa forma todos os estudantes tem a oportunidade de fazer bom uso dos brinquedos e das brincadeiras, pois ambos são um forte aliado que contribuirá para sua formação, pois é através das brincadeiras que as crianças vão desenvolvendo suas habilidades, e fazendo novas descobertas, de acordo com as autoras OLIVEIRA,SILVA (2022 p.23) o qual afirmam que

A ludicidade é um instrumento teórico que pode ser utilizado em qualquer disciplina escolar para facilitar a aprendizagem, a socialização, a comunicação, a expressão e a construção do conhecimento de cada indivíduo; mas, para que isso aconteça, é necessário que o educador planeje suas ações lúdicas para não deixar os educandos brincar por brincar, sem um objetivo a ser alcançado.

Nessa perspectiva a ludicidade é um mecanismo que não pode ficar de fora de nem uma modalidade de ensino, só necessita ser adaptado de acordo com a realidade de cada estudante, pois tudo o que ele aprende em sua infância, jamais serão esquecidos assim. “Os momentos lúdicos não são apenas jogos e brincadeiras,

mas sim qualquer atividade que proporcione o prazer e a interação dos envolvidos”. ou seja é uma forma de se envolver e se relacionar com o outro e fazer novas descobertas sobre si próprio, através dos momentos de brincadeiras. As autoras OLIVEIRA, SILVA(2022 p.24) seguem em sua obra a destacar que

As atividades lúdicas envolvem jogos, brinquedos e brincadeiras; estão interligados uns aos outros, e juntos, são ferramentas pedagógicas que dão suporte ao educador e facilitam o processo ensino-aprendizagem. A palavra brincar tem vários significados, mas todos estes passam a ideia de distração, diversão, agitação e faz de conta, ou seja, é o lúdico em ação envolvendo alegria, prazer e aprendizado.

Portanto faz se necessário incluir a ludicidade em todas as áreas da educação, pois é através das brincadeiras que enxergamos as possibilidades de a criança se descobrir, assim Oliveira e Silva (2022 p.24) destacam sobre a importância de que “Os jogos são instrumentos pedagógicos importantes para o desenvolvimento da criança, eles promovem a interação com o outro e desenvolvem habilidades que serão de fundamental importância para a aprendizagem”. Pois a aula que é praticada com essa metodologia, tende a despertar na criança o interesse em aprender, a curiosidade em novas descobertas e o incentivo em ser mais participativo, durante as aulas, pois a adrenalina de está em competição desenvolve na criança o interesse cada vez mais em participar das propostas nas práticas que o professor dispõe. De acordo com OLIVEIRA, SILVA (2002 p.25) elas afirmam que

O brinquedo está presente na vida de qualquer criança; este objeto tem relação com o lúdico e é capaz de prover e facilitar o desenvolvimento. Para a criança, qualquer objeto pode se tornar um brinquedo.

Dessa forma no passado a ludicidade teve um papel fundamental, para o aprendizado das crianças, e na atualidade, também não é diferente, pois ela tem um papel fundamental para a formação das crianças, independente das condições físicas ou sociais, é imprescindível que essa prática fique de fora do contexto escolar, pois faz parte da vida de todos.

1.4 Processo de mediação dentro do aprendizado

Em todo percurso de aprendizado do estudante, é necessário desenvolver todo um trabalho pedagógico de forma mais leve, despertar o interesse em cada estudante pelo gosto de aprender, e fazer com que eles passem a ter consciência e responsabilidade sobre a dimensão do que se aprende, necessitando então ser trabalhado desde o início com o estudante a auto confiança em desenvolver suas habilidades e suas atividades, o estudante precisa entender qual a função do professor mediador que é, conduzir os estudantes ao aprendizado, fazer com que eles passem refletir melhor em suas atitudes para chegar as conclusões do que se deve fazer, e não somente dar todas as respostas prontas. Pois um professor mediador deve questionar promover discussões, orientar a formulação de hipótese e indicar os caminhos até as soluções. A autora em sua obra trata sobre a mediação do conhecimento para estudantes com baixa visão, no entanto SOARES (2012 p.7) diz que;

A interação social é fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer criança. Quando ela apresenta alguma deficiência, precisa, ainda mais, de ambientes interativos que propiciem essa interação. Sendo assim, é necessário que os ambientes sejam estimuladores, que favoreçam as habilidades do educando, fazendo com que o mesmo se desenvolva.

Dessa forma, fica evidente o quanto é importante a inclusão dos estudantes com alguma particularidade ou baixa visão dentro do espaço escolar, desde os primeiros anos de escolaridade, pois os momentos de interação com o restante da turma, vai auxiliar no seu desenvolvimento escolar. De acordo com Soares (2012) "Quando se trata de crianças com deficiência visual ou com Baixa Visão, implica entender peculiaridades na sua formação e como ocorrem suas interações com o meio social, desde os primeiros meses de vida". Assim todo seu aprendizado é adquirido através das brincadeiras, que será fundamental para a sua formação em todos os sentidos, tanto na escola quanto fora da escola. Pois segundo a autora " não é a deficiência em si que traça o destino da criança, mas o modo como a deficiência é significada". O que presenciamos em relação a crianças com deficiência é o cuidado excessivo, um medo infinito em deixar a criança se descobrir, é necessário que o professor tenha maior conhecimento sobre como lidar com essas situações. SOARES (2012 p.7) diz que;

O brincar para a criança indica que a função do professor é acompanhar o movimento lúdico e perceber aspectos que envolvam o seu brincar, sistematizando-os à quantidade e à heterogeneidade de experiências que a criança poderá ter sem perder de vista a sua qualidade.

Portanto, o aprendizado por meio da brincadeira é essencial para a constituição de todas as crianças, e o professor somente precisa oportunizar, e está disposto pra acompanhar todo esse processo. A autora segue destacando que “As experiências realizadas ao decorrer da infância fazem com que os estudantes agreguem cada vez mais conhecimentos. É através de brincadeiras e jogos que as crianças também aprendem desde as regras até os limites”, como sabemos toda criança gosta de brinquedos, e brincadeiras por mais simples que seja, é algo de sua natureza, cabe aos professores oportunizar a elas esse momento de tão grande importância. Assim SOARES (2012, p.9) enfatiza que

É necessário que a professora entenda o brincar da criança e examine o universo infantil através de conhecimento teórico, prático, com capacidade de observação e vontade. Nesse sentido, a professora deve estar atenta aos comportamentos do aluno, conhecer suas limitações e potencialidades e, a partir disso, planejar suas ações mediante as situações que podem ser desenvolvidas. A professora precisa refletir sobre como utilizar a brincadeira, não apenas para brincar simplesmente, mas para utilizá-la como estratégia, pois isso facilita e garante o acesso da criança ao conhecimento disponível no mundo, sobre sua cultura e sobre si mesma.

Portanto cabe a escola e aos professores e responsáveis a se comprometer em manter esse momento para as crianças, cada vez melhor adaptando os espaços, e o professor precisa sempre está inovando ainda mais em sua prática, realizando brincadeiras que chamem mais atenção, produzindo juntamente com os estudantes brinquedos que despertem o interesse em aprender deste modo possa atender a todas as crianças independentes de suas peculiaridades, pois o aprendizado é um direito que jamais poderá ser negado a nenhum estudante.

CAPÍTULO II: PERCURSOS METODOLÓGICOS

O atual trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, que é o levantamento ou revisão de obras que irá direcionar o trabalho científico a partir de análises de fontes secundárias, tem como objetivo guiar as ideias do pesquisador para planejar, montar e realizar a pesquisa e concluir sobre um tema e obter uma nova informação e melhor resultado para o seu objeto de pesquisa. De acordo com Severino (2007) a pesquisa bibliográfica tem um papel de trazer fontes teóricas, históricas e autores consagrados que visam proporcionar materiais para que novos textos sejam organizados. Este Trabalho está constituído na modalidade de um ensaio teórico com abordagem qualitativa (LAKATOS; MARCONI, 2009) onde a intensão é verificar a possibilidade de descobrir se a ludicidade tem alguma função para estudantes com baixa visão. E para essa informação foram utilizadas como fontes de informação livros impressos para fazer reprodução, trabalhos de conclusão de curso, documentos, artigos de revistas, artigos de e-book. Os artigos científicos e os trabalhos acadêmicos foram pesquisados por meio da plataforma Google Acadêmico.

Os materiais utilizados no estudo foram escolhidos de acordo com as palavras-chave Inclusão de estudantes com baixa visão, ludicidade, adaptações de recursos pedagógicos. Todos os artigos utilizados na pesquisa bibliográfica foram publicados entre os anos de 2017 e 2021, afim de trazer mais atualidade ao trabalho; além de terem sido feitas seleções de variados autores para dar melhor embasamento, e com as pesquisas realizadas, dentro dos artigos acadêmicos, estudado e no documento da BNCC, através das pesquisas foi perceptível e confirmado a possibilidade de inserir a ludicidade para esses estudantes, dentro de qualquer disciplina, ou ano de escolaridade, pois o aprendizado não poderá ser limitado somente à pessoas consideradas normais, e sim deve ser trabalhado em conjunto, ou seja com todos os estudantes que estão matriculados na rede regular de ensino. Somente é necessário fazer adaptações, desde os recursos didáticos, ao espaço escolar, e trabalhar de acordo com a realidade de cada estudante, para que a partir do bom desempenho de todos ao envolvidos em favor do estudante, o mesmo tenha a oportunidade de aprender juntamente com o restante da turma, e através dos conhecimentos adquiridos ele consiga ter um bom desenvolvimento dentro e fora do espaço escolar, e assim levar por toda sua vida.

A estrutura do trabalho dividiu-se em três seções. No primeiro capítulo vai abordar 1.1 Educação Especial e Inclusão Escolar, onde a declaração de Salamanca e autores retratam sobre a preocupação com os estudantes com deficiência, com os professores e com os espaços a serem trabalhados com os estudantes da educação especial, e com a inclusão desses estudantes juntamente com o restante da turma.

Em seguida no 1.2 Deficiência Visual: aspectos específicos e educacionais, vem falar sobre a deficiência visual, diagnósticos, e sobre a importância de diagnosticar o grau da deficiência, procurar laudos, tratamentos adequados, recursos e matricular os estudantes o mais breve possível para que possam se adaptar e acompanhar o restante da turma, e sobre desafios enfrentados frente ao aprendizado dos estudantes com algum tipo de deficiência visual. No 1.3 vem da ênfase sobre a contribuição, e da importância dos jogos e brincadeiras a partir de estudos dentro da BNCC, e de autores que reforçam as contribuições que os jogos poderão trazer para o aprendizado de todos os estudantes. E, finalizando com as considerações finais. Certo de que a presente pesquisa poderá servir de orientação para discursões de docentes atuante sobre a importância do lúdico no cotidiano de sala de aula para estudantes com baixa visão, a mesma dispõe de uma árdua busca de informações e acima de tudo, muita leitura para assim poder apresentar uma boa pesquisa de conclusão de curso.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Diante dessa vivencia consideramos que sempre que possível a ludicidade necessita está sendo utilizada em sala de aula, e que o estudante com baixa visão só precisa ser inserido a todo instante dentro e fora da sala de aula. Então, fazendo uma relação com o objeto da presente pesquisa, foram detectados estudos na literatura de grande relevância, com autores de referência, como: Vale, Fernandes, Barcelos, Vinhote, Silva (2005), Nascimento (2015), Neto (2015) Silva (2017) Moreira (2018) Rodrigues (2018), Santos, Cruz, Veraszt (2021) Pois os textos estudados deram embasamentos sobre o quanto os jogos e brincadeiras auxiliam no aprendizado de todos os estudantes, independente da necessidade, e do ano que o estudante esteja frequentando.

O Artigo 1 aponta como principais ideias de que o brinquedo permite uma relação da fantasia, do imaginário com a realidade. As crianças vão passando por estágios que permitem que aos poucos elas sejam capazes de diferenciar o real do imaginário.” Diante da abordagem a respeito da correspondência do brincar nos anos iniciais possibilitam na melhora do nível de aprendizagem do estudante, pois nessa etapa é que se constrói a base de todo o percurso estudantil, e dessa forma através dos jogos e brincadeiras, a criança passa a construir sua formação para fora da sala de aula. Independente se são estudantes com deficiência ou não.

Já o Artigo 2 destaca que “Com o conhecimento e com os métodos e técnicas corretos tudo o que existe, se torna um objeto de estudo, a exemplo da luz, vento, tinta da sala, cadeiras”. Assim o docente pode realizar a construção conjunta do conhecimento em toda a sua plenitude, fazendo uso de alguns aspectos do objeto como a cor, o tipo de material, as origens, as aplicações, composição química, física, volume, escrita, peso, densidade, medidas, são alguns dos pontos que podem ser abordados em cada objeto de estudo.

Diante as atuais tecnológicas os moldes tradicionais de ensino devem ser readequados, para que sejam mais eficientes em seu objetivo que é proporcionar conhecimento ao educando. As atuais metodologias ativas descrevem a necessidade de construção conjunta do conhecimento partindo de seus saberes tratando-o de forma problematizadora e não apenas sendo reproduzido mecanicamente’. Nesse sentido, Como se pode perceber fica sobre a responsabilidade do professor a transformação dos objetos e do espaço, para contribuição no aprendizado do estudante.

O Artigo 3, por sua vez, aponta que “Como já se sabe, aluno com necessidade especial na sala de aula do ensino regular das escolas brasileiras, deixou de ser novidade já há algum tempo”. É também de conhecimento de todos que tais especificidades fazem com que o processo de aprendizagem se dê de forma individualizada. No caso do estudante com cegueira ou baixa visão, para se alcançar resultados significativos, é necessário que haja um empenho contínuo por parte da família e da escola, desde o início do processo de desenvolvimento do mesmo, “buscando recursos que apoiem e favoreçam a autonomia, a inclusão e acesso aos conteúdos ministrados no espaço escolar”. Além disso se faz necessário planejar e desenvolver as atividades diversificadas dentro dos conteúdos programáticos, e oportunizar os estudantes o desenvolvimento suas atividades de forma prazerosa para que eles possam expressar seus talentos.

O Artigo 4 evidencia que “[...] Sabemos que muitas vezes as aulas de Geografia realizam-se dentro de uma sala e o trabalho de campo talvez seja o único momento de exploração dos seus conteúdos num ambiente diferente/externo, etc. Deste modo, podemos caracterizar o trabalho de campo também como um momento lúdico que, justamente pelo fato deste sair da rotina de sala de aula, e se bem mediado, pode contribuir muito ao processo de ensino-aprendizagem. Neste mesmo raciocínio, La Blache (1928) ressalta que não basta apenas tirarmos os estudantes de dentro de sala e começarmos a apresentá-los a morfologia da Terra. É necessário levá-los a compreender as relações que se dão no espaço entre homem e natureza, como as formas naturais determinam certos comportamentos humanos e como o ser humano, com sua inteligência, interfere sobre tais formas de acordo com seus interesses”.

Seguindo a esse raciocínio, não é apenas nos anos iniciais, e com jogos e brincadeiras que se trabalha o lúdico, mas sim em um simples ato de tirar os estudantes da rotina, e oportunizar a eles a liberdade de explorar outros espaços, buscando propor novos conhecimentos através de suas descobertas.

O Artigo 5 no mostra que há muitos professores de língua inglesa que pesquisaram, fizeram experiências e descobriram o quanto é fácil utilizar meios lúdicos em suas aulas. Não há regras quanto a quais atividades devem ser escolhidas e realizadas no ambiente escolar; o que há é planejamento. Segundo Cavalcante (2011, p. 5), “elas podem ser desenvolvidas em todas as séries, desde que você adapte os conteúdos previstos no seu planejamento. Cabe ao professor decidir sobre

a melhor forma de introduzir o uso da língua estrangeira como meio de comunicação”. Não há atividades específicas a seguir; a mesma atividade usada com crianças pode ser utilizada com jovens ou adultos; claro que, para que isto aconteça, é necessário que haja adaptação de conteúdo. As crianças reagem com mais energia às brincadeiras enquanto que os adolescentes precisam ser desafiados a participar da atividade”. Nesse contexto os autores salientam, que o lúdico rompe fronteiras, ele não é restrito a uma determinada idade, assim mostrando que através dessa metodologia é possível tornar as aulas mais interessantes e menos cansativas e dessa forma possa facilitar no desempenho do aprendizado estudantil.

O Artigo 6 evidencia que “[...] “Cinco trabalhos tiveram como objetivo a elaboração de materiais didáticos. Diferente da categoria anterior, houve um empate entre química (2) e matemática (2) como as áreas de conhecimento que mais produzem materiais didáticos nesse levantamento em específico”. Através da leitura do artigo mencionado foi perceptível a informação de que a ludicidade, não está limitada somente para educação infantil, ou na séries iniciais mas sim que o lúdico segue em todas as disciplinas dentro da grade curricular dos anos iniciais no ensino fundamental e ensino médio, dessa forma só depende do professor/mediador que está auxiliando o estudante, com baixa visão fazer as devidas adaptações dos recurso didáticos para o auxiliar nas mediações das aulas. Para discussão acima houve o embasamento em uma pesquisa voltado para como se trabalhar o ensino da matemática, e da química incluindo ludicidade para estudantes com cegueira ou baixa visão.

Por sua vez o Artigo 7 traz o pensamento “[...] em relação aos momentos de interação com os professores e alunos do IERC/RN, destacou-se o trabalho desenvolvido no ateliê da arte, onde a professora regente expôs algumas atividades plásticas, como colagem, artesanato e desenhos produzidos por estudantes cegos e com baixa visão: em um dos encontros no ateliê, a professora ministrava aulas para dois estudantes com baixa visão: um menino de nove anos e uma menina de quatorze anos .a atividade proposta em virtude das comemorações do folclore que se aproximavam, era desenhar os personagens dos mitos e lenda, preferido dos estudantes no que se refere aos materiais utilizados no ateliê. Segundo a professora “é importante permitir que o estudante cego ou com baixa visão tenha contato com diferente tipos de materiais e aprenda a utilizá-los na aula de arte”. Deste modo como

vemos na obra, os relatos de autores e através de gravuras de diferentes tipos de trabalhos mencionados, só reforça ainda mais que o professor deve oportunizar os estudantes, introduzir diferentes materiais, expor as regras que deverá ser cumprida na realização das atividades desenvolvidas por esses público.

Seguindo as discussões dos artigos textuais estudados, é importante ressaltar que o lúdico serve para todas as idades, todas as disciplinas, que através desse recurso é possível alcançar os objetivos esperados tanto dos estudantes quanto do professor. Porém é necessário uma certa paciência, pois cada estudante dispõe de suas peculiaridades e aprende à sua maneira e no seu tempo, sendo ele considerado normal ou com algum tipo de deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja trabalhado de uma forma em geral a inclusão de estudantes com deficiência e principalmente o estudante com baixa visão, ainda nos tempos atuais existem lacunas e carências, que precisam ser resolvidas. O presente trabalho teve como principal objetivo analisar as possibilidades de inserir com a ludicidade para estudantes com baixa visão, pois vivenciei ao longo de minha prática pedagógica, que o professor mediador do estudante com baixa visão trabalhava somente com a ampliação das atividades impressas, isso me levou a ir a fundo nas minhas pesquisas, as quais foram realizadas através de estudos nos documento da BNCC e em artigos pré – textuais, os quais foram perceptíveis as inúmeras possibilidades de inserir a ludicidade para esses estudantes.

Assim como em outras disciplinas das áreas da educação, ao se trabalhar a ludicidade para estudantes com baixa visão, é necessário fazer adaptações que vem desde o espaço aos recursos pedagógicos que serão utilizados nas aulas independente de qual seja os anos, e as disciplinas a serem trabalhados. Para tanto depende do professor/mediador aderir as adaptações necessárias fazer inovações em sua prática e assim conseguir êxito com os estudantes.

Portanto, nessa perspectiva as aulas necessitam ser desenvolvida de modo a cooperar com a aprendizagem do estudante levando tanto os educadores, quanto os educandos ao aprimoramento das ações propostas e a tomada de decisões educacionais. E com a realização da minha pesquisa para conclusão de curso adquiri novos conhecimentos, irei adotar ainda mais inovações, não somente para lidar com estudantes com baixa visão, mas desenvolver um brilhante desempenho com demais estudantes que tem qualquer deficiência, e assim levarmos em toda nossa trajetória como profissionais da educação, um legado que poderão auxiliar melhor aos estudantes, pois como se sabe a educação não é restrita à um determinado grupo, ou classe distintas, ela é um direito de todos, independentes de suas limitações, ela é um direito de todos.

REFERÊNCIAS

BÁFICA, Ana Paula Souza. **Educação inclusiva: uma análise sobre inclusão escolar** / Revista Espaço Acadêmico nº128 Janeiro de 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2017.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

BRASIL. Educação especial - MEC - Ministério da Educação disponível em <http://portal.mec.gov.br › tag › 32101-educacaoespecial>. acesso em 22 de fevereiro de 2023.

BRASIL . Ministério da Educação. A Base Nacional Comum Curricular, 2017.

CAROLINE, Thais Rodrigues Candido. **A Importância de Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil** / Thais Rodrigues Candido CAROLINE1·Saberes docentes em ação ISS 25254227, v.05,nº1,novembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GONZÁLEZ, Eugênio. **Necessidades educacionais específicas** / Eugênio González, coordenador; María Arrillaga...[et al.]; tradução Dayse Vaz de Moraes._ Porto Alegre : Artmed, 2007.

HEREDERO, Eladio Sebastian **A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares** / Acta Scientiarum. Education Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-208,2010

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos, **Ludicidade e atividades lúdicas uma abordagem a partir da experiência interna**, Linguagem e Práxis Educativa, do Programa de Pós-Graduação em Educação - FAGED/UFBA. 22/11/2015.

NETO, Rivaldo Bevenuto de Oliveira; **Desenho e deficiência visual: uma experiência no ensino de artes visuais na perspectiva da educação inclusiva**. Natal – RN 2015

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENEZES Maria da Glória de Souza; **A deficiência visual e suas implicações no processo de desenvolvimento intelectual da criança: Desvantagens e Possibilidades**. Puc Rio 2013

MOREIRA Aline Pereira da Silva; **A Concepção Docente da Ludicidade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Paraná, 2018.

NASCIMENTO Poliana Reis Pereira. **O Lúdico na Promoção da Inclusão dos Alunos com Baixa Visão ou Cegueira na Escola Regular**. Brasília 2015

OLIVEIRA Maria da Conceição Santos; SILVA Maria das Graças Martins dá; **Ludicidade como ferramenta Pedagógica no processo de ensino e aprendizagem** Abaetetuba – Pará 2022.

RODRIGUES Irani dos Santos; **O Papel da Ludicidade no Ensino de Geografia: Limites e Possibilidades**. Viçosa-Minas Gerais 2018.

SANTOS Michele Batista dos; CRUZ Isabella Maria Buoro da; VERASZT Estéfano Vizconde. **Ensino de ciências da natureza e matemática para deficientes visuais: um levantamento bibliográfico dos últimos quinze anos**. UFSCAR 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA Daniele Socorro Ribeiro da; e PINHEIRO Rafael Pires; **A Viabilidade de uso do Lúdico nas aulas de Língua Inglesa**. Tocantins 2017.

SOARES, Dlayne Giordana Pereira, **Mediação do Processo de Aprendizagem em Crianças com Baixa Visão: brincadeiras utilizadas pelo professor na educação infantil**. Veccher EdCom, São Paulo 2022.

VALE Ediléia Gadelha Deo; FERNANDES Maria José de Souza Porto; BARCELOS Maria José Miranda Carneiro; VINHOTE Maria Luiza Vasconcelos; SILVA Tânia Mara Oliveira. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais**. Brasília, 2005.